



PREAMBULO III

O dizer do sintoma...

No início de uma análise se tem a transferência, mas ainda antes, quando recebemos alguém que vem nos dizer o que o perturba, há algo que faz um sinal e produz uma pergunta direcionada a alguém. Podemos dizer, então: no início é o sintoma, que faz apelo e pede para saber sobre uma verdade.

Na trama que se tece entre o sintoma manifesto e a demanda direcionada ao Outro, tem sempre uma palavra que evoca uma lembrança ou que conta um sonho ou ainda que produz um lapsus, a palavra constitui a gramática do sintoma, a sua articulação e por isso a sua possível decifração.

Os pontos suspensos são um sinal de pontuação que indica uma pausa no discurso, uma dúvida, uma frase não concluída, e é em um dos modos que Lacan em *R.S.I.* define o sintoma que sempre remete a outros interrogativos sobre a não relação sexual.

Deixar *O sintoma...* com três pontinhos, que marcam e ao mesmo tempo criam um lugar vazio, isso é marcam o enigma da não relação sexual mas também aquele da criação do ex-nihilo, da descoberta que remete sempre à Outra coisa, visto que se encontra aquilo que se procura pelas vias do significante, no tempo do dizer, o quarto tempo que no curso da análise estabelece os outros três: ver, compreender e concluir.

“Sobre o que não pode ser dito, devemos calar” o final lógico de *Tractatus* de L. Wittgenstein que, no entanto, não conclui porque deixa aberto o impasse do sintoma, único real verdadeiro e vivente porque se re-pete, isso é, continua a pedir.

S barrado punção de D, a pulsão inicia quando a demanda se cala. Se a verdade não se pode dizer, porque não se enquadra nas categorias da lógica aristotélica de Verdadeiro ou Falso, o indizível vai virar no jogo linguístico, a descoberta das *Pesquisas Filosóficas* onde o reverso faz ressoar a verdade.

Saber a verdade sobre o sintoma, o pedido do analizante é a meio caminho entre saber (como) fazer e saber (como) ser (*Dasein*), como revelam as formações do inconsciente. A verdade se revela de repente, não por dedução lógica, mas sim em um ato falho, em uma dupla negação que deixa aberto o equivoco, que faz entrever no outro o “milagre da incompreensão”, há sempre uma verdade que falta ao saber e vice-versa: uma verdade que não se sabe ou um saber que não é verdadeiro, no sentido aristotélico do termo.

O analizante, aristotélico segundo Lacan, sonha de passar do particular ao universal porque falando do próprio sintoma, através da linguagem, revelaria a verdade sobre a sua singularidade.

Cabe ao analista acordá-lo? ...

Paola Malquori

Comissao científica: Rosa Escapa, Francisco José Santos Garrido, Isabela Grande, Zehra Eryörük, Orsa Kamperou (secrétaire), Paola Malquori, Colette Soler, Natacha Vellut.

www.champlacanien.net et www.forumlacan.it/iv-convegno-europeo-if-epfcl/